



A TERRITORIALIDADE PENTECOSTAL: UMA CONTRIBUIÇÃO À DIMENSÃO TERRITORIAL DA RELIGIÃO

■ MÔNICA SAMPAIO MACHADO
Departamento de Geografia – Uerj

Presenciamos hoje, no Brasil e mesmo mundialmente, o aparecimento de uma pluralidade de novos atores e movimentos, seja de caráter político, econômico ou ideológico, que têm atuado e se expandido de maneira significativa em todas as esferas do tecido social. Nesta multiplicidade, fruto de uma época considerada por alguns estudiosos como pós-moderna, a questão religiosa, principalmente no Brasil, tem sido foco de grande atenção pela maneira fragmentária e moderna com que as inúmeras crenças têm se difundido na sociedade. Dentre estas crenças convém ressaltar o pentecostalismo protestante como a religiosidade de maior dinamismo pela sua força de difusão.

Surgindo no Brasil no início do século XX, o pentecostalismo alcança grande magnitude, especialmente na década de 80. Sua expressão tem sido mais evidente junto às parcelas mais desprivilegiadas social e economicamente da população. Essa religiosidade popular, essencialmente urbana, vem se destacando nos meios de comunicação de massa como um dos fatos sociais de maior expressividade deste final de século, chamando atenção não apenas dos intelectuais como também da Igreja Católica.

Apesar das discordâncias, fontes extra-oficiais apontam esse explosivo crescimento dos pentecostais durante os últimos dez anos, indicando-o como o fenômeno social mais vigoroso deste final de século. A Folha de São Paulo (17/05/89), por exemplo, chega a indicar a existência de um total de 22 milhões de crentes pentecostais espalhados em todo o Brasil. Isto significa, com base do Censo Demográfico de 1991, quase uma vez e meia a população total da Região Metropolitana de São Paulo.

SURGINDO NO
BRASIL NO INÍCIO
DO SÉCULO XX, O
PENTECOSTALISMO
ALCANÇA GRANDE
MAGNITUDE,
ESPECIALMENTE NA
DÉCADA DE 80.
SUA EXPRESSÃO
TEM SIDO MAIS
EVIDENTE JUNTO
ÀS PARCELAS MAIS
DESPRIVILEGIADAS
SOCIAL E
ECONOMICAMENTE
DA POPULAÇÃO

Em linhas gerais, o objetivo central deste artigo é demonstrar que um dos vieses explicativos da força de difusão do pentecostalismo brasileiro encontra-se na apropriação espacial, isto é, na territorialidade desenvolvida por este movimento religioso. Conforme poderá ser conferido, o pentecostalismo possui e coloca em prática estratégias de difusão que abarcam nitidamente a dimensão espacial. Tais estratégias, vinculando-se diretamente à estrutura interna de organização das igrejas pentecostais, realizam uma específica forma espacial de controle social, essencialmente dinâmica, capaz de disputar e conquistar áreas até então consagradas a outros movimentos religiosos.

Inicialmente será exposta e analisada a estrutura organizacional das igrejas pentecostais, tarefa fundamental para elucidar a lógica de difusão dessa neoreligiosidade. Em seguida serão apresentadas

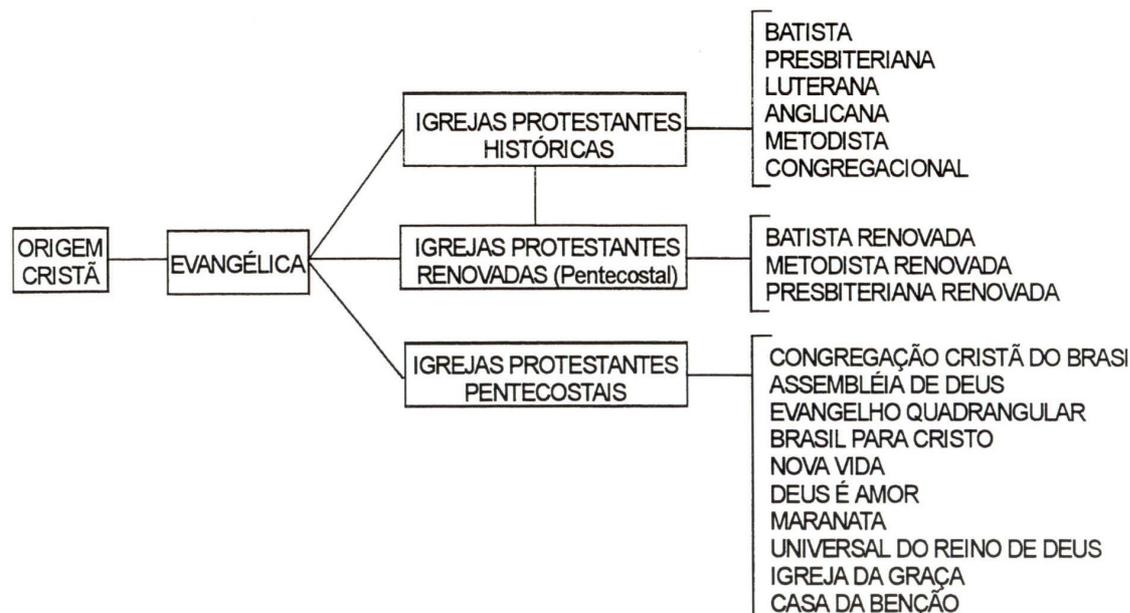
algumas considerações, fruto da investigação empírica e conceitual, sobre sua expressão espacial.

O PENTECOSTALISMO PROTESTANTE BRASILEIRO: ORIGEM, DIFUSÃO E ESTRATÉGIA ORGANIZACIONAL

Os protestantes ou evangélicos, fundamentalmente, estão organizados em três grandes grupos: o Protestante Histórico, o Protestante Histórico Renovado (pentecostal) e o Protestante Pentecostal. A cada um destes cabem várias denominações eclesiais (Igrejas) que, apesar de terem pontos em comum quando componentes de um mesmo grupo, guardam determinadas especificidades com relação às crenças e práticas religiosas. Tais informações podem ser melhor visualizadas no quadro a seguir (ver gráfico 1).

(gráfico 1)

PRINCIPAIS DENOMINAÇÕES PROTESTANTES HISTÓRICAS E PROTESTANTES PENTECOSTAIS



As primeiras denominações pentecostais que surgiram no Brasil foram a Congregação Cristã do Brasil e a Assembléia de Deus. A Congregação Cristã nasce da cisão de evangélicos presbiterianos em 1911, no bairro do Brás/São Paulo, e a Assembléia de Deus resulta da dissidência de evangélicos batistas, em 1911, em Belém do Pará. O Evangelho Quadrangular e o Brasil para Cristo emergem em 1950. Em 1960 há registro de um grande número de igrejas pentecostais menores. Ocorre, a partir dessa década, a intensificação de uma atomização das igrejas pentecostais. Na década de 70, de acordo com Rolim (1980), já existia no Brasil um número de denominações pentecostais superior a 70, dentre as quais destacavam-se as seguintes igrejas: Congregação Cristã do Brasil, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular ou Cruzada Nacional de Evangelização, Brasil para Cristo, Nova Vida, Deus é Amor, Maranata e Universal do Reino de Deus.

Entretanto é apenas a partir da década de 80 que o movimento pentecostal passa a despontar como um fenômeno social de grande expressão, preocupando não só os intelectuais e a classe política, como também a Igreja Católica e a Protestante Histórica que começam a traçar novas linhas de ação para arregimentar mais fiéis e conter o avanço desta neoreligiosidade.

Para melhor entender tal crescimento, será apresentada e detalhada a forma como estão internamente estruturadas as igrejas pentecostais.

A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL PENTECOSTAL _

O modo pelo qual o pentecostalismo está estruturado, suas bases e dispositivos de expansão, sua hierarquia, suas instituições de poder, assim como seus principais agentes religiosos constituem a estrutura organizacional.

Primeiramente cabe assinalar que a organização interna das igrejas pentecostais difere das igrejas protestantes históricas e principalmente da Igreja Católica. Ela é menos rígida e não possui a mesma lógica hierárquica. Isto não significa afirmar que não há rigidez ou hierarquia. As igrejas pentecostais possuem uma estrutura organizacional contraditória. Ao mesmo tempo apresentam-se hierarquicamente rígidas, descentralizadas e flexíveis.

A rigidez refere-se às instâncias de poder que esta estrutura assume. Tais instâncias caracterizam um governo legal-hierárquico, pois descrevem uma linha vertical onde os pontos mais baixos e intermediários são executores de diretrizes e orientações dos mais altos.

A descentralização e a flexibilidade encontram-se na forma, até certo ponto, "espontânea" de expansão

É APENAS A PARTIR DA DÉCADA DE 80 QUE O MOVIMENTO PENTECOSTAL PASSA A DESPONTAR COMO UM FENÔMENO SOCIAL DE GRANDE EXPRESSÃO, PREOCUPANDO NÃO SÓ OS INTELLECTUAIS E A CLASSE POLÍTICA, COMO TAMBÉM A IGREJA CATÓLICA E A PROTESTANTE HISTÓRICA QUE COMEÇAM A TRAÇAR NOVAS LINHAS DE AÇÃO PARA ARREGIMENTAR MAIS FIÉIS E CONTER O AVANÇO DESTA NEORELIGIOSIDADE

das Igrejas Pentecostais. A espontaneidade referente à difusão pentecostal situa-se na sua divisão celular. Isto é, situa-se no sentido de independência que as Igrejas Pentecostais apresentam. Não existe, como na Igreja Católica e na Protestante Histórica, um clero profissional que centralize todas as decisões. Apesar de haver um controle sobre as igrejas por parte das instâncias superiores de poder que configuram uma dada denominação, a difusão pentecostal não depende das determinações destas instâncias, mas do esforço individual de cada crente. Intimamente vinculada a esta descentralização está a questão da orientação laica. Diferindo também das igrejas supracitadas, a qualificação para ser um diri-

gente, um pastor, não é acadêmica mas, sim, prática. O que importa é a habilidade empírica de evangelizar e não a formação acadêmica. Não só os fiéis, mas também os pastores são "homens do povo". Eles constituem um grande exército leigo e lutam como soldados para difundir a mensagem religiosa pentecostal.

Estas duas faces aparentemente contraditórias, mas que são de fato complementares, caracterizam a estrutura organizacional pentecostal. Elas serão detalhadas a seguir, considerando-se a oposição entre rigidez e descentralização-flexibilidade.

Basicamente, a estrutura organizacional de cada denominação pentecostal é composta, hierarquicamente, das seguintes instâncias de poder: organismo supralocal, templos-sedes ou igrejas-

mães, igrejas filiais, salões e pontos de pregação. No topo desta hierarquia situa-se o organismo supralocal e, na base, os pontos de pregação.

A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DE CADA DENOMINAÇÃO PENTECOSTAL É COMPOSTA, HIERARQUICAMENTE, DAS SEGUINTE INSTÂNCIAS DE PODER: ORGANISMO SUPRALOCAL, TEMPLOS-SEDES OU IGREJAS-MÃES, IGREJAS FILIAIS, SALÕES E PONTOS DE PREGAÇÃO

O organismo supralocal pode possuir alcance nacional ou regional e é constituído de crentes investidos das mais altas funções. Esta instância de poder rege e orienta as várias igrejas que compõem uma determinada denominação. Abaixo dessa instância, e a ela subordinadas, estão as igrejas locais. As principais igrejas locais atuam como sedes do poder local e, geralmente, são igrejas principais, isto é, templos-sedes ou igrejas-mães.

Por sua vez, cada templo-sede possui um complexo de igrejas menores e dependentes

(os templos filiais), salões e pontos de pregação. Ou seja, cada igreja-mãe tem, sob direção, uma série mais ou menos extensa de templos menores (comumente chamados de congregações), de salões alugados e de grupos em nucleação, todos dependentes e subordinados ao templo-sede. O gráfico 2 demonstra de forma clara esta hierarquia.

Os templos-sedes são presididos por pastores locais que estão encarregados, entre outras coisas, de atender e monitorar os templos filiados, os salões e os grupos de nucleação. Os pontos de pregação, grupos de nucleação ou germinação, constituem a base da hierarquia pentecostal. Eles são produtos de uma importante prática de evangelização bastante utilizada pelo pentecostalismo e originária da Igreja Assembléia de Deus: a prática da nucleação.

Em função da importância que esta prática evangelizadora desempenha na difusão pentecostal, convém aqui apresentar algumas considerações. A nucleação é uma prática informal, através da qual um crente ou um pastor reúne em sua própria casa, ou mesmo em qualquer outro lugar, um pequeno grupo de não-crentes curiosos em conhecer a Bíblia. Foi e continua sendo uma estratégia proselitista (estratégia de conversão) bem sucedida que abarca de forma bem clara a dimensão territorial.

Atualmente, apesar do aumento do número de fiéis resultantes da veiculação da mensagem pentecostal pelos meios de comunicação de massa, a prática da nucleação continua sendo muito utilizada e de grande relevância para a difusão do pentecostalismo no Brasil. Não obstante os pontos de pregação estarem submetidos às instâncias superiores de poder (templo sede, templo filial), eles alimentam o ciclo de reprodução pentecostal e desempenham um importante papel na conquista de novos territórios.

Com o aumento do número de adeptos, os pontos de pregação passam a necessitar de um local fixo e maior, mudando então de ponto de pregação ao salão. Do salão alugado desabrocham os templos filiais, congregações. E dos templos filiais, quando

estes começam a se tornar independentes, com um grande número de crentes e colaboradores, número superior a aproximadamente 500 membros ativos, surgem os templos-sedes ou igrejas-mães.

Os pontos de nucleação podem se originar tanto da iniciativa do pastor que preside uma igreja-mãe quanto da iniciativa de simpatizantes do credo pentecostal. Se a nucleação resultar dos simpatizantes e se estes não forem membros de uma igreja já existente, o ponto de nucleação ou poderá originar uma nova denominação pentecostal, ou poderá ser incorporado ao templo-sede local, caso o pastor responsável concorde.

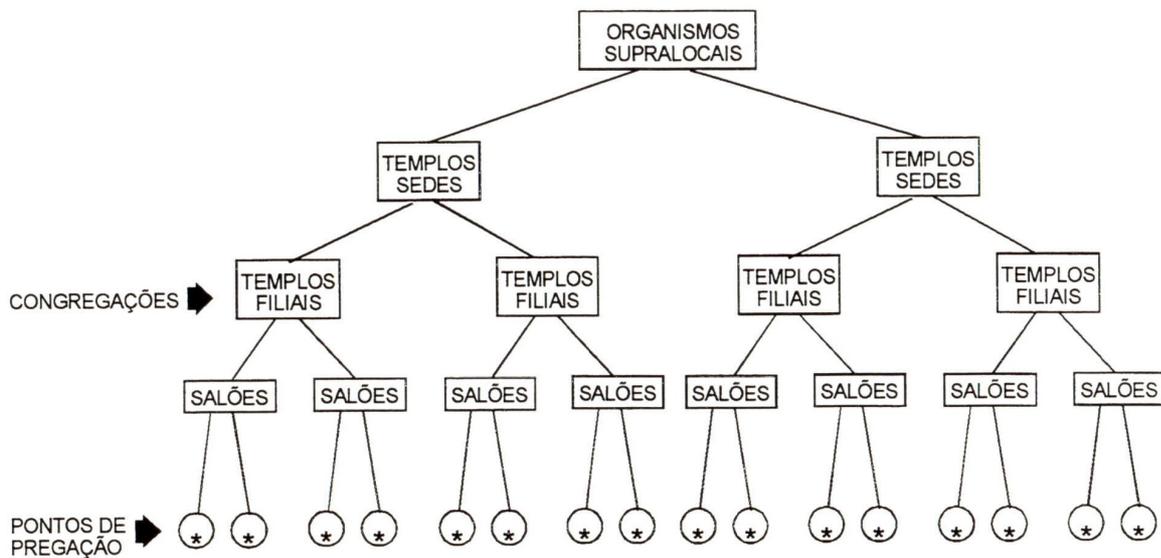
De toda maneira, à medida que for reunindo um número cada vez maior de adeptos, o ponto de pregação tende a se tornar independente e a se constituir em templo-sede, presidido por um novo pastor local, gerindo e organizando uma nova estrutura hierárquica. Este momento marca o ponto de saturação da igreja-mãe à qual pertenciam. Esta saturação desencadeia todo um processo de descentralização.

A descentralização é a mola que impulsiona todo o ciclo de reprodução pentecostal. Segundo Read (1967), se o templo-sede não se descentralizar ele

COM O AUMENTO DO
NÚMERO DE ADEPTOS, OS
PONTOS DE PREGAÇÃO
PASSAM A NECESSITAR DE
UM LOCAL FIXO E MAIOR,
MUDANDO ENTÃO DE
PONTO DE PREGAÇÃO AO
SALÃO. DO SALÃO
ALUGADO DESABROCHAM
OS TEMPLOS FILIAIS,
CONGREGAÇÕES. E DOS
TEMPLOS FILIAIS, QUANDO
ESTES COMEÇAM A SE
TORNAR INDEPENDENTES,
COM UM GRANDE NÚMERO
DE CRENTES E
COLABORADORES, NÚMERO
SUPERIOR A
APROXIMADAMENTE 500
MEMBROS ATIVOS, SURGEM
OS TEMPLOS-SEDES OU
IGREJAS-MÃES

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL PENTECOSTAL

(gráfico 2)



pode se fossilizar, perdendo a influência como agente de evangelização e de crescimento dinâmico. Portanto, a reprodução pentecostal se dá de forma descentralizada e essa descentralização se faz em processo contínuo.

Diferindo das Igrejas Protestantes Históricas e Católica, a estrutura organizacional pentecostal marca uma determinada linha estratégica que tem sido muito eficiente se for analisada do ponto de vista de sua difusão, isto é, se for analisada tendo como referência o percentual de crescimento, tanto das denomi-

DE TODA MANEIRA, À
MEDIDA QUE FOR
REUNINDO UM NÚMERO
CADA VEZ MAIOR DE
ADEPTOS, O PONTO DE
PREGAÇÃO TENDE A SE
TORNAR INDEPENDENTE E A
SE CONSTITUIR EM
TEMPLO-SEDE, PRESIDIDO
POR UM NOVO PASTOR
LOCAL, GERINDO E
ORGANIZANDO UMA NOVA
ESTRUTURA HIERÁRQUICA

nações quanto do número de crentes pentecostais.

Esta forma peculiar de expansão, nitidamente relacionada à estrutura organizacional pentecostal, passa a se materializar através de uma enfática atuação dos fiéis, principalmente na esfera do cotidiano. Nesse sentido, a estratégia de expansão se reproduz por uma rede de ação estabelecida pelos crentes que pode ser identificada pela apropriação espacial que este movimento religioso realiza. Essa apropriação espacial nada mais é que sua territorialidade.

TERRITORIALIDADE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS _____

Baseado em Robert D. Sack (1986), a territorialidade, em termos geográficos e entendida como territorialidade humana, é uma forma espacial de comportamento social. É uma estratégia de afeto, influência e controle sobre um determinado espaço. A territorialidade está intimamente relacionada à utilização da "terra" por uma determinada sociedade, ela está diretamente relacionada à organização de uma dada sociedade no espaço e no tempo. Portanto, a territorialidade é um componente geográfico central para entender como a sociedade e o espaço estão intimamente relacionados.

Em linhas gerais, Sack define territorialidade como intenção de indivíduos ou grupos de produzir, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações, através da delimitação e defesa de uma determinada área geográfica. Essa área é entendida como território. Nestes termos, o quarto, a cozinha, a casa, o bairro, o campo, o escritório, a cidade e a região, apesar da diversidade de escalas, são instâncias da territorialidade, são territórios e merecem ser vistos como tais.

Ainda segundo o autor, o território é uma área demarcada como área de influência e controle. Um lugar pode ser um território em um determinado momento e não ser mais em outro, o que significa que o território pode criar-produzir um lugar. No entanto, para que tal lugar exista como território, é

preciso que seja monitorado, o que envolve não apenas uma ação presente, mas também futura por parte de indivíduos ou grupos que estejam exercendo o seu controle.

Dentro dessa perspectiva, tanto a territorialidade quanto o território são construídos socialmente, isto é, são contextos históricos particulares que produzem e propiciam diferentes territorialidades e diferentes territórios. Ambos mudam no espaço e no tempo. Cumpre ainda salientar que a territorialidade é a principal forma espacial de tomada

de poder e que seu uso tem, historicamente, se apresentado de forma cumulativa. Isto significa dizer que a sociedade contemporânea emprega a territorialidade mais virtualmente do que empregava, por exemplo, a sociedade primitiva.

DIFERINDO DAS IGREJAS
PROTESTANTES
HISTÓRICAS E CATÓLICA,
A ESTRUTURA
ORGANIZACIONAL
PENTECOSTAL MARCA UMA
DETERMINADA LINHA
ESTRATÉGICA QUE TEM
SIDO MUITO EFICIENTE SE
FOR ANALISADA DO PONTO
DE VISTA DE SUA DIFUSÃO

PENTECOSTALISMO: ESPAÇO
METROPOLITANO É UM
EXEMPLO

Buscando dar uma contribuição para o entendimento da expansão desta crença, serão

apresentadas algumas considerações sobre a territorialidade pentecostal em uma escala local, em um bairro. Este denomina-se Largo da Batalha e localiza-se em Niterói, município componente da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

O Largo da Batalha apresenta condições sócio-econômicas e espaciais que lhe conferem caráter periférico, sendo bastante significativa a expressão

Testemunho de Jeová. O grupo Pentecostal contabiliza atualmente doze igrejas, não estando aqui incluídos os pontos de pregação dispersos pela área. O grupo Protestante Histórico conta com três igrejas, o Católico com duas, o Testemunho de Jeová apenas com uma e o grupo Espírita soma um total de nove centros (ver mapa 1).

O grupo pentecostal, apesar de possuir doze templos, é composto por oito denominações: Igreja Evangélica Caminho de Deus, Brasil para Cristo, Assembléia de Deus (três templos), Grupo de Oração Pentecostal, Casa de Oração Pentecostal ou Frente Evangélica e Missionária Marcos 16, Igreja Primitiva do Senhor, Deus é Amor (dois templos) e a Universal do Reino de Deus. Importa destacar que em todas estas denominações a maior parte dos membros é constituída por indivíduos de baixa renda que residem no bairro e nas suas proximidades.

O grupo representado pelos Protestantes Históricos conta com três igrejas distintas, a saber: Primei-

ra Igreja Batista de Pendotiba, Primeira Igreja Presbiteriana de Pendotiba e a Igreja Presbiteriana Betânia.

O grupo católico possui no bairro duas igrejas que fazem parte da mesma paróquia: Capela Nosso Senhor dos Aflitos e Igreja Nossa Senhora de Fátima. A primeira, a matriz, está no Largo da Batalha desde 1934. É uma igreja de grande porte, localizada na parte mais elevada e valorizada do bairro.

A Igreja Testemunho de Jeová possui apenas um templo de nome Salão do Reino, que foi implantado em 1950, no morro da Cachoeira, é uma igreja de médio porte com cerca de 100 membros.

Sob o domínio do espiritismo existem no bairro nove centros divididos em umbanda e candomblé. Todos são pobres, de pequeno porte e, em geral, localizam-se no fundo da residência do responsável.

O quadro 1 descreve o período de implantação na área de cada grupo religioso. Como instrumento analítico este quadro permitirá um melhor entendimento sobre as etapas de expansão da crença religiosa pentecostal no bairro.

A RELIGIOSIDADE NO LARGO DA BATALHA: SURGIMENTO DOS GRUPOS RELIGIOSOS.

quadro 1

Igrejas	Décadas							
	30	40	50	60	70	80	90	Total
Pentecostais	-	-	-	1	3	7	3	14
Prot. Históricas	-	1	1	-	-	1	-	3
Católica	1	-	-	1	-	-	-	2
C. Espírita	-	1	3	2	2	1	-	9
Test. Jeová	-	1	-	-	-	-	-	1

Fonte: MACHADO, Mônica Sampaio. *A Territorialidade Pentecostal, um estudo de caso em Niterói*. Dissertação de Mestrado UFRJ, 1992.

Ao se analisar o referido quadro é possível constatar que o grupo pentecostal é o grupo religioso que mais se destaca em termos de surgimento de

templos. Apresentando uma trajetória crescente, esta crença religiosa vem aumentando de forma considerável, principalmente a partir da década de

70. Já os grupos Protestante Histórico e Católico não apresentam alterações, mantendo o mesmo ritmo de crescimento. Surgem duas igrejas católicas, uma na década de 30, outra na década de 60, e três igrejas protestantes, nas décadas de 40, 50 e 80. O grupo religioso que chama atenção, principalmente por fazer contraponto ao grupo pentecostal, é o grupo espírita. Sua trajetória demonstra que a década de 50 representou um marco no seu crescimento com o surgimento de três centros espíritas. Desta década em diante o grupo espírita passa então a apresentar um movimento decrescente; movimento inverso ao apresentado pelo grupo pentecostal.

A investigação empírica em nível local veio demonstrar a singularidade do movimento pente-

costal. Esta refere-se a sua dinâmica. O pentecostalismo vem se diferenciar das demais crenças religiosas em função da relativa mobilidade que apresenta. É com facilidade que uma denominação pentecostal se firma ou se muda de um determinado local. Em geral, os salões que são alugados pelas igrejas são aproveitados, em outras ocasiões, por diferentes denominações.

O quadro 2 procura demonstrar a dinâmica do pentecostalismo na área. Ele apresenta a criação e o fechamento, por década, das diferentes denominações pentecostais. Como poderá ser observado, o fechamento do primeiro templo pentecostal se dá na década de 80, década marcada por um número maior de surgimento de templos.

TEMPLOS PENTECOSTAIS – DINÂMICA NO PERÍODO 1960 – 1992

quadro 2

Denominação	Décadas								
	1960		1970		1980		1990		1992
	C*	F	C	F	C	F	C	F	Total
Caminho de Deus	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Brasil para Cristo	-	-	1	-	1	1	-	-	1
Assembléia de Deus	-	-	2	-	1	-	-	-	3
Grupo de Oração	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Casa de Oração Pentecostal	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Jesus Novaliança	-	-	-	-	1	-	-	1	0
Primitiva do Senhor	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Deus é Amor	-	-	-	-	1	-	2	-	3
Universal do Reino de Deus	-	-	-	-	-	-	1	-	1

(*) C – Criação e F – Fechamento

Fonte: MACHADO, Mônica Sampaio. *A Territorialidade Pentecostal, um estudo de caso em Niterói*. Dissertação de Mestrado UFRJ, 1992.

A mobilidade relativa do movimento pentecostal pode ser vista como uma forma estratégica de concorrência entre denominações, isto é, como uma forma de disputar espaço e fiéis. Com o aumento do número de igrejas pentecostais na área estudada, é facilmente observável a disputa que as deno-

minações estabelecem entre si pela mesma área de atuação, realizando cultos e atividades religiosas em horários análogos. Dentro desta perspectiva, pode se inferir que implantar novos templos é uma estratégia de reprodução de que as denominações pentecostais muito se têm utilizado. A isso soma-se

o discurso diferenciado das igrejas que, onde se implantam, procuram estabelecer sua supremacia através da pregação de uma verdade absoluta, desvalorizando não só as outras igrejas pentecostais como também qualquer instituição religiosa que ali esteja presente.

Com relação à atuação das igrejas pentecostais no que diz respeito à conversão religiosa, os principais agentes responsáveis pela expansão do pentecostalismo são os próprios membros da igreja, crentes e pastores. Estes, em geral, são pessoas de baixa renda que residem na área ou em suas proximidades. São, nesse sentido, não só os principais agentes, como também os principais instrumentos, vetores, da expansão do pentecostalismo localmente.

Crentes e pastores, por surgirem no seio da própria população local, passam um discurso simples, informal, direto e pouco elaborado para uma população que reconhecidamente possui um baixo nível de instrução. O pastor é um ser comum, igual a qualquer outro, com hábitos semelhantes aos das pessoas que vivem e participam do mesmo cotidiano. Dessa maneira, fica aberta a possibilidade da ascensão social a qualquer indivíduo que ali reside, oportunidade que dificilmente surgiria dentro de outro grupo religioso ou mesmo a nível profissional. E mais, para uma população carente não só do ponto

de vista econômico, mas também em termos de equipamentos de consumo coletivos e culturais, esta oportunidade não pode ser negligenciada.

Para os pentecostais, ao nível do discurso, todos são iguais perante a Deus, independente do nível social e econômico. Esta ideologia da igualdade é

passada pelos pentecostais com muita eficácia porque é transmitida de forma espontânea, já tendo sido incorporada ao cotidiano, o que não ocorre com o protestantismo histórico e o catolicismo. Em relação ao catolicismo, adicionando-se às dificuldades de formação de padres brasileiros, registra-se também um grande distanciamento entre os padres e a população local. Como, de modo geral, a população brasileira tem na sua formação cultural básica um forte componente cristão, ou seja, um campo preparado para receber o cristianismo, o grupo que mais próximo chegar às condições materiais de existência da população, identificando-se com ela, melhor conseguirá atraí-la, como ocorre

com o pentecostalismo.

A TERRITORIALIDADE PENTECOSTAL _____

Vai sendo tecida assim a rede territorial de ação dos pentecostais, na qual cada crente desempenha um papel fundamental na difusão e materialização

O PENTECOSTALISMO VEM SE DIFERENCIAR DAS DEMAIS CRENÇAS RELIGIOSAS EM FUNÇÃO DA RELATIVA MOBILIDADE QUE APRESENTA. É COM FACILIDADE QUE UMA DENOMINAÇÃO PENTECOSTAL SE FIRMA OU SE MUDA DE UM DETERMINADO LOCAL. EM GERAL, OS SALÕES QUE SÃO ALUGADOS PELAS IGREJAS SÃO APROVEITADOS, EM OUTRAS OCASIÕES, POR DIFERENTES DENOMINAÇÕES

dessa crença. Pode-se inferir, nesse sentido, que o pentecostalismo é marcado por uma grande mobilidade. Isto, conforme será apresentado mais adiante, irá definir uma específica forma de ocupação do território, mais solta e menos controlável. Enquanto agentes da evangelização, os fiéis são portadores de uma mensagem religiosa que tem possibilidades de se materializar muito facilmente em vários e distintos espaços. Isto é

viabilizado em função da sua peculiar estrutura organizacional que possibilita não só esta mobilidade, como também a ampla participação dos crentes nas decisões da igreja em escala local.

Importa salientar que a crença pentecostal apresenta-se especialmente de forma diferenciada dos outros movimentos religiosos. De fato, existe uma estratégia de ação espacial que é peculiar às igrejas pentecostais e esta, por sua vez, é de muita eficácia. Ela é dinâmica, incisiva e descentralizada, o que permite sua difusão com muita facilidade.

Enquanto a Igreja Católica, por exemplo, tem um território e uma territorialidade definidos e até certo ponto estáticos, a igreja pentecostal desenvolve uma estratégia espacial que aponta para um outro tipo de território e de territorialidade, essencialmente informal e transitório.

Acredita-se que tal informalidade e transitoriedade são

CRENTES E PASTORES,
POR SURGIREM NO SEIO DA
PRÓPRIA POPULAÇÃO
LOCAL, PASSAM UM
DISCURSO SIMPLES,
INFORMAL, DIRETO E
POUCO ELABORADO PARA
UMA POPULAÇÃO QUE
RECONHECIDAMENTE
POSSUI UM BAIXO NÍVEL DE
INSTRUÇÃO

VAI SENDO TECIDA ASSIM
A REDE TERRITORIAL DE
AÇÃO DOS PENTECOSTAIS,
NA QUAL CADA CRENTE
DESEMPENHA UM PAPEL
FUNDAMENTAL NA DIFUSÃO
E MATERIALIZAÇÃO DESSA
CRENÇA

elementos fundamentais desta crença religiosa, que determinam não só seu sucesso em termos de expansão, como também uma específica configuração espacial, configuração esta que não tem limites nem fronteiras.

A TERRITORIALIDADE
INFORMAL E FUGAZ DO
PENTECOSTALISMO _____

A territorialidade pentecostal é marcada pela descentralização de decisões e por uma informalidade que facilita de maneira considerável a difusão desta crença no espaço. Tais características vêm permitir ao pentecostalismo não só o acompanhamento, mas, sobretudo, a adaptação às casualidades e às transformações inerentes à sociedade contemporânea.

A territorialidade e o território pentecostal não são definidos *a priori*, mas sim momentaneamente.

Sua lógica baseia-se na transitoriedade e na mobilidade. Dessa forma, são delimitados, a cada momento, uma nova área geográfica de atuação pentecostal e um novo território, podendo, inclusive, haver superposições. Ao se tomar como contraponto a Igreja Católica, pode-se observar que uma outra lógica rege a sua territorialidade e seu território. Estes, caracterizados

por áreas geográficas, agentes e instrumentos mais preciosos e definitivos de maneira apriorística, não comportam mecanismos capazes de promover um ajustamento às transformações advindas da sociedade moderna.

Elaborou-se um esquema que elucida bastante o que foi exposto acima. Trata-se de dois diferentes

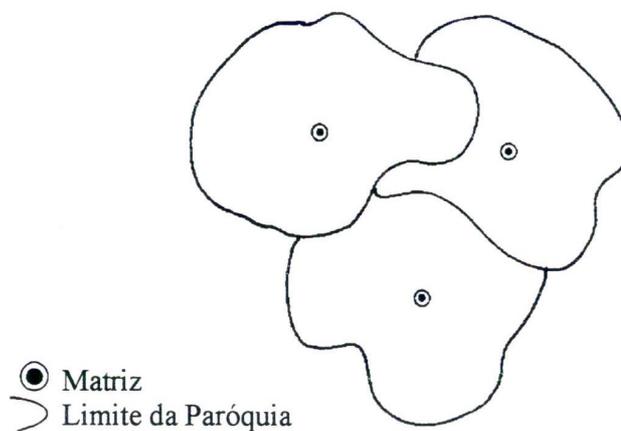
modelos de ocupação espacial, isto é, de territorialidade e território. O primeiro refere-se à Territorialidade Formal e Perene que define a maneira de atuação espacial da Igreja Católica. O segundo refere-se à Territorialidade Informal e Fugaz que vem definir a peculiaridade da expansão espacial do pentecostalismo (ver gráfico 3).

RELIGIÃO E TERRITORIALIDADE – UM ESQUEMA

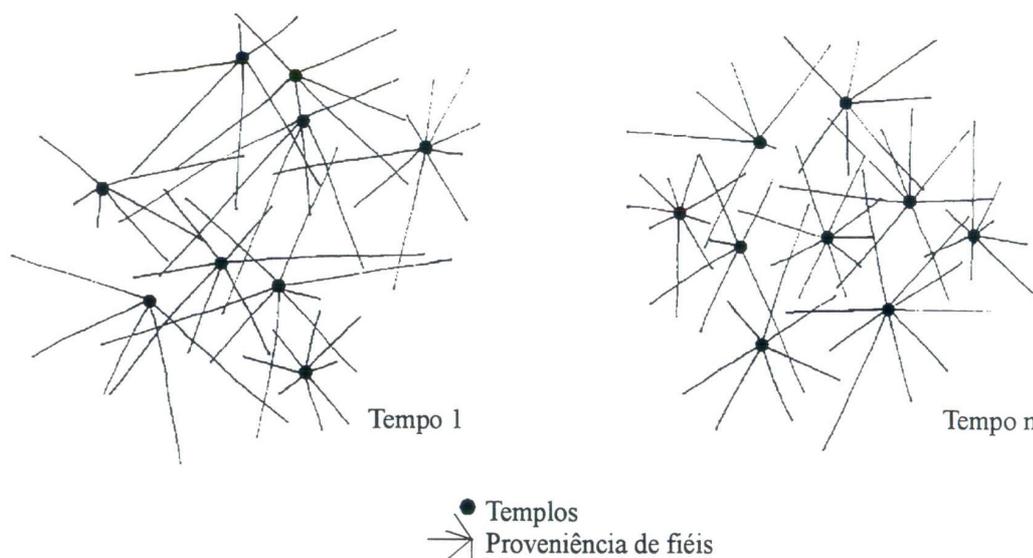
(gráfico 3)

I – TERRITORIALIDADE FORMAL E PERENE (IGREJA CATÓLICA)

(TEMPO 1..... TEMPO N)



II – TERRITORIALIDADE INFORMAL E FUGAZ (IGREJAS PENTECOSTAIS)



Tal esquema aponta que a Igreja Católica tende a não apresentar mudanças no tempo e no espaço em sua área de atuação. Uma coisa completamente diferente ocorre com as Igrejas Pentecostais. Mudando temporal e espacialmente, as igrejas pentecostais conseguem difundir-se de maneira bastante significativa. Portanto seria falso afirmar que o pentecostalismo não possui uma territorialidade e um território. Este movimento religioso possui e desenvolve uma específica forma espacial de controle social essencialmente dinâmica, caracterizada pela transitoriedade e efemeridade. O território e a territorialidade pentecostal são estabelecidos momentaneamente com mobilidade e transitoriedade que permitem acompanhar o movimento estabelecido pela

A IGREJA PENTECOSTAL
DESENVOLVE UMA
ESTRATÉGIA ESPACIAL QUE
APONTA PARA UM OUTRO
TIPO DE TERRITÓRIO E DE
TERRITORIALIDADE,
ESSENCIALMENTE INFORMAL
E TRANSITÓRIO

A TERRITORIALIDADE
PENTECOSTAL É MARCADA
PELA DESCENTRALIZAÇÃO
DE DECISÕES E POR UMA
INFORMALIDADE QUE
FACILITA DE MANEIRA
CONSIDERÁVEL A DIFUSÃO
DESTA CRENÇA NO ESPAÇO

sociedade contemporânea. A Territorialidade Informal e Fugaz marca, portanto, uma específica forma de apropriação espacial fundamentalmente dinâmica, transitória, efêmera e, mais ainda, hodierna, capaz de marchar, lado a lado, com a experiência ambiental da modernidade, a qual segundo Marshall Berman (1986:15):

...anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia.

BIBLIOGRAFIA

MACHADO, Mônica Sampaio (1993). "A lógica da reprodução pentecostal e sua expressão espacial". In: M. Santos et al. (orgs.) *O Novo Mapa Mundo: Fim de Século e Globalização*. São Paulo: Ed. Hucitec-ANPUR, p.224-234.

_____. (1992) *A Territorialidade Pentecostal; um estudo de caso em Niterói*. Dissertação de Mestrado UFRJ.

READ, W. Monterroso, V., JOHNSON, H. *O Crescimento da Igreja na América Latina*. São Paulo:Ed. Mundo Cristão S/C, 1967.

ROLIM, Francisco Cartaxo. "Igreja Pentecostal Deus é Amor". In: *Cadernos Iser*, nº 23, p. 59-63, 1990.

_____. *Pentecostais no Brasil: Uma Interpretação Sócio-Religiosa*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985, p 260.

SACK, Robert David. *Human Territoriality – Its Theory and History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, 256 p.

Censo Institucional Evangélico (CIN): primeiros comentários, Núcleo de Pesquisa/Instituto de Estudos da Religião (ISER) – Rio de Janeiro, 1992.

Periódicos – Jornal do Brasil, Jornal O Globo, Folha de São Paulo, Revista Veja e Revista Isto É.